

TOXICOLOGIA DAS PLANTAS MEDICINAIS: UM GRANDE RISCO PARA A POPULAÇÃO MUNDIAL

Bruno Henrique Ferrão¹; Vilvimárea de Medeiros Abrantes¹; Michelle Bicalho Teixeira¹; Carla Vieira Brum¹; Émile Oliveira Batista¹; Helaine Barros de Oliveira²

Resumo: *A utilização de plantas medicinais é uma prática muito comum pela população, apesar de ser uma terapêutica alternativa com elevados riscos para seus usuários. Este trabalho realizou revisões bibliográficas com o objetivo de contribuir para o esclarecimento dos riscos do uso incorreto dessas plantas. A população possui a crença de que “o natural não faz mal”, porém muitos pesquisadores já constataram que a posologia e o modo de uso irracional das plantas podem gerar efeitos adversos. A ação da farmacovigilância de plantas medicinais e fitoterápicos vem alertando sobre a existência desses riscos para a saúde, uma vez que o uso de preparações à base de plantas, quando feito com critérios, só tem a contribuir para a saúde.*

Palavras-chave: *plantas medicinais; toxicologia.*

Introdução

A utilização de plantas medicinais de forma racional e segura é incentivada pela própria Organização Mundial de Saúde (OMS), que reconhece que 80% da população dos países em desenvolvimento são usuários de práticas populares tradicionais (TOMAZZONI *et al.*, 2006).

No Brasil, estima-se que 82% da população é usuária de terapias com plantas. Em 2006, foi definida a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, em que. No qual um dos objetivos é o incentivo à pesquisa científica para prover informações farmacológicas e toxicológicas e, assim, garantir eficácia e segurança na utilização desses produtos pela população (BRASIL, 2009).

A crença que plantas nunca oferecem riscos à saúde faz parte de cultura popular; porém, o fato de uma planta possuir propriedades

¹ Graduandos do curso de Farmácia – FACISA – *e-mail*: brunohferrao@yahoo.com.br;

² Professora do curso de Farmácia – FACISA – *e-mail*: helaine@univicosa.com.br

terapêuticas não significa que ela é desprovida de efeitos tóxicos; o que determina seu efeito é o modo de utilização, preparo ou a dosagem utilizada da planta (ARNOUS *et al.*, 2005; DI STASI 2007).

Na Idade Média, Paracelsus já afirmava que “todas as substâncias são um veneno e nada existe sem veneno, apenas a dosagem é razão para não se torne veneno” (NOGUEIRA *et al.*, 2009).

Segundo Lanini *et al.* (2009), a credulidade de que os produtos naturais não oferecem nenhum risco à saúde é perigosa, o que vem sendo desmentida cientificamente nos últimos anos por muitos pesquisadores. Em razão de essa terapêutica ser muito praticada pela população, este trabalho teve como objetivo esclarecer e alertar quanto aos riscos que as plantas meicionais podem oferecer ao usuário.

Revisão de Literatura

Neste estudo, foram realizadas revisões bibliográficas para melhor compreender a existência da toxicologia das plantas medicinais e dos fitoterápicos.

Em razão da gravidade do uso inconsciente das plantas medicinais pela população, é importante chamar a atenção, pois essa prática não é totalmente isenta de riscos, uma vez que os princípios ativos presentes nas plantas são moléculas químicas capazes de reagir diferentemente em cada organismo. Tresvenzol *et al.* (2006) afirmaram que, muitas vezes, no processo de indicação ou na escolha da droga vegetal são desconsiderados as reações adversas, as contra-indicações, as interações com medicamentos e os alimentos. Também é importante considerar a identificação precisa do material botânico, a forma correta de cultivo, a coleta e a maneira como as formas são preparadas, processos esses que podem interferir no efeito terapêutico final.

Torres *et al.* (2005) verificaram, em estudo sobre o uso de plantas medicinais em crianças hospitalizadas na cidade de João Pessoa, PB, o risco que pode haver na utilização de plantas. Foi observado que as mães utilizaram o boldo (*Peumus boldus* Molina) para tratar dores abdominais; porém, esses autores alertaram que o *Peumus boldus*, por causa da presença de alcaloides, pode produzir convulsões em crianças com histórico epiléptico, devendo somente ser usado, a partir dos seis anos de idade.

Há falta de conhecimento das espécies vegetais, pela população, como pode ser observado no levantamento feito por Santos et al. (2008), sobre o uso popular de plantas medicinais utilizadas na comunidade rural de Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP, onde os pesquisadores constaram o uso de plantas como confrei (*Symphytum officinale* L.) e cipó-mil-homens (*Aristolochia triangularis* Cham.). De acordo com Simões et al. (2004), essas são plantas que apresentam toxicidade estabelecida. O cipó-mil-homens possui o ácido aristolóquico, que podem causar deficiências renais, e o confrei, quando utilizando por longos períodos, pode causar efeitos hepatotóxicos e até carcinogênicos.

Segundo Tresvenzol *et al.* (2006), há grande preocupação quanto ao uso de associação de plantas medicinais, que geralmente são complexas (garrafadas, chás com mais de três ervas), que se conhece pouco sobre as suas interações e seus efeitos colaterais, uma vez que há poucos estudos científicos sobre o efeito de combinações de plantas.

Há evidências científicas da toxicidade terapêutica de plantas, porém a comprovação de que o “natural pode fazer mal” não é fácil, uma vez que os problemas relativos à utilização de plantas dificilmente são identificados pelos usuários e, ou, às vezes, até mesmo desconsiderados. Na tentativa de solucionar tal problema está emergindo a farmacovigilância de plantas medicinais e fitoterápicos, incentivada pela OMS. Os métodos de ação desse Órgão consistem em notificação espontânea, monitorização de pacientes e estudos analíticos (SILVEIRA *et al.*, 2008).

Considerações Finais

O conhecimento sobre o preparo e a posologia das plantas medicinais é muito importante para alcançar um efeito benéfico e evitar efeitos tóxicos. Portanto, faz-se necessário esclarecer à população sobre alguns pontos essenciais para o uso racional de plantas medicinais como manipulação e uso terapêutico. Esse esclarecimento deverá ser feito com o propósito de correlacionar o saber popular com o científico. O uso de preparações à base de plantas, quando feito com critérios, só tem a contribuir para a saúde.

Referências Bibliográficas

ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER R. P. C. Plantas medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF, 2009.

DI STASI, L.C. **Plantas medicinais: verdades e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber**. São Paulo: UNESP, 2007. 133 p.

LANINI, J.; et al. “O que vem da terra não faz mal” – relatos de problemas relacionados ao uso de plantas medicinais por raizeiros de Diadema/SP. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1A, p. 121-129, 2009.

NOGUEIRA, L. J.; MONTANARI, C. A.; DONNICI, C. L. Histórico da evolução da química medicinal e a importância da lipofilia: de Hipócrates e Galeno a Paracelsus e as contribuições de Overton e de Hansch. **Revista Virtual de Química**, v. 1, n. 3, p. 227-240, 2009.

SANTOS, J. F. L. ; AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C. Uso popular de plantas medicinais na comunidade rural de Vargem Grande, Município de Natividade, SP. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.10, n. 3, p. 67-81, 2008.

SILVEIRA, P. F.; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, P. S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 4, p. 618-626, 2008.

SIMÕES, C. M. O. *et al.* **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

TOMAZZONI, M. I. ; NEGRELLE, R. R. B.; CENTAM. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 115-121, 2006.

TORRES, A. R. *et al.* Estudo sobre o uso de plantas medicinais em crianças hospitalizadas da cidade de João Pessoa: riscos e benefícios. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.15, n.4, p.373-380, 2005.

TRESVENZOL, L. M. *et al.* Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.

FISIOTERAPIA

